



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

YOHAN ISE LEON

O PROGRESSO NA REVISTA *O BEIJA-FLOR*:
Rio de Janeiro (1916-1920)

LONDRINA - PR
2013

YOHAN ISE LEON

**O PROGRESSO NA REVISTA *O BEIJA-FLOR*:
Rio de Janeiro (1916-1920)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Prof^a Dr^a Célia Regina Da Silveira

**LONDRINA – PR
2013**

YOHAN ISE LEON

O PROGRESSO NA REVISTA *O BEIJA-FLOR*:
Rio de Janeiro (1916-1920)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de ____.

LEON, Yohan Ise. **O progresso na revista *O Beija-Flor***: Rio de Janeiro (1916-1920). 2013. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2013.

RESUMO

O objeto de estudo desta monografia é a revista infantil *O Beija Flor*, publicada em Petrópolis (RJ), entre os anos 1916 e 1920. Tendo como base os contos que compareceram nas páginas dessa revista, examinou-se qual era a interpretação do progresso e das transformações sociais nas produções por ela veiculadas. Para tal, inserimos essa revista no contexto editorial dos periódicos do período, com o objetivo de melhor delinear a sua leitura e posicionamento com relação às noções de progresso presentes na *Belle Époque* brasileira, assim como para analisar seus contos. Para o desenvolvimento desta proposição de trabalho, a pesquisa das fontes se deu associada à produção historiográfica pertinente ao tema bem como aos debates da história cultural.

Palavras-chave: Progresso. Mídia. Religião. Brasil. Modernidade.

LEON, Yohan Ise. **O progresso na revista *O Beija-Flor***: Rio de Janeiro (1916-1920). 2013. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2013.

ABSTRACT

The object of study of this monograph is the children's magazine *O Beija Flor*, published in Petrópolis (RJ), between the years 1916 and 1920. Based on the short stories that appeared in the pages of this magazine, we examined what was the interpretation of progress and social change published by the magazine. Thus, we inserted this magazine in editorial context of the journals of the period, in order to better delineate their reading and positioning in relation to notions of progress present in the Brazilian Belle Époque, as well as to analyze their tales. To develop this proposition work, research sources occurred associated with the historiography relevant to the topic as well as the discussions of cultural history.

Key words: Progress. Media. Religion. Brazil. Modernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 Tecnologias de impressão e revistas modernas	09
1.1 A POLITICA E A REVISTA <i>O BEIJA-FLOR</i>	11
1.2 Mundo social e espiritualidade	15
2 Contos e fábulas	19
2.1 PROGRESSO E PROGNÓSTICO.....	26
2.2 Progresso, modernidade e <i>O beija-Flor</i>	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

É no início do século XX, como resume Marshal Berman, que o “vir-a-ser” se torna “modernização”, no sentido conceitual do termo¹. É nessa condição de eterna mudança que ambientes antigos dão lugar aos novos antes mesmo de se tornarem velhos. A experiência espacial da modernidade, do progresso, anula as fronteiras sociais, no sentido de que todos percebem o “vir-a-ser”. Assim, o progresso e a modernidade une, ao mesmo tempo, em que cria fronteiras.

Esta atmosfera foi palco dos escritos de Nietzsche, quando concordando com o pensamento pré-socrático, analisou a modernidade com base no devir. Assim como Baudelaire, que também fez da modernidade monumento de inspiração para escrever suas poesias². No entanto, e as várias pessoas e grupos que foram tragados pela modernidade? Quais suas angústias, lutas, manifestações? É deste ponto que surge a pesquisa ora apresentada neste trabalho, na qual procuro analisar outras percepções da modernidade, tendo como base a revista infantil *O Beija-flor*. Este periódico é fruto da produção da imprensa eclesiástica, que possuía uma editora própria denominada de *Boa imprensa*. Essa revista era publicada quinzenalmente e produzida em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

A pesquisa histórica, como já ocorre nas últimas décadas, leva em consideração toda palavra impressa, pois reconhece que dela se podem iluminar diversos aspectos de um período. Não apenas no que concerne especificamente à produção do livro, mas todos os elementos que fazem parte da sua construção e de sua legitimação ou recusa.

Entretanto, não é apenas do conteúdo, do estilo ou da estrutura que se pode compreender o significado da materialização de um discurso. Há diversos outros mecanismos que interferem na constituição de um discurso escrito. Esses mecanismos, pensados conscientemente ou não, permeiam, de maneira geral, a estrutura e a cultura. Ou seja, a política, o mundo social, religioso etc. Deste modo, torna-se pertinente estudar o contexto

¹ Segundo a perspectiva de Marshal Berman, “[...] no século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vem a chamar-se modernização.” BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2008, p-16.

² Sobre essas questões, Berman salienta que “para Nietzsche [...] as correntes da história moderna eram irônicas e dialéticas: os ideais cristãos da integridade da alma e a aspiração à verdade levaram a implodir o próprio cristianismo. O resultado constituiu os eventos que Nietzsche chamou de a morte de Deus e o advento do niilismo. A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades.” Idem, p-21.

editorial, a manufatura e sua distribuição. E, também, a política educacional e a relação da igreja com o Estado.

A proposta aqui organizada está inserida no período denominado *Belle Époque*. Tal designação, que compreende fins do século XIX e início do XX, foi retrospectivamente considerada como um período de avanços para a vida humana. E neste intervalo que parte do desenvolvimento tecnológico ocorrido nas últimas décadas, de alguma maneira, atingiu a esfera social³.

A *Belle Époque*, também foi caracterizada pela imagem que as próprias revistas modernas faziam de seu mundo contemporâneo. É neste ambiente que se insere o objeto de estudo desta pesquisa: a revista infantil *O beija-flor*. Por meio de contos, fábulas e charadas, a revista articula determinada interpretação do período e possibilita-nos um referencial para estudar o tema do progresso.

Como salienta Darnton em a “Palavra Impressa”⁴, os livros passam por um ciclo de vida que deve ser analisado em conjunto com o conteúdo, pois um interfere no outro. Apesar das diferenças, o circuito de comunicação proposto pelo autor corrobora ao caso estudado, pois tanto a revista quanto o livro, ou outro meio de transmitir um conjunto de signos, é proveniente de várias atividades que escapam ao seu controle. Segundo o autor:

[...] o circuito percorre um ciclo completo [...]. A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante.⁵

Na perspectiva do autor, não só o conteúdo se mostra relevante, mas também a sua produção, distribuição, publicidade, entre outras esferas. Essa afirmação compreende o ciclo de produção, pois a escrita tem um objetivo que é pensado no público, assim como o público tem uma opinião sobre o que será escrito.

Para compreender o significado da revista *O beija-flor*, no primeiro capítulo, intitulado “Tecnologias de impressão e revistas modernas”, buscou-se analisar os elementos que constituíram o círculo de impressão do periódico. No primeiro momento são examinadas as tecnologias de impressão que permitiram que essas revistas de modelo moderno fossem produzidas, não apenas no quesito puramente material, mas também no âmbito de transmissão e comunicação.

⁴ Darnton, Robert. “A palavra impressa”. In: **O Beijo de Lamouriette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

⁵ Idem, p.126.

Após analisar os meios técnicos que permitiram a produção deste tipo de periódico, o segundo tópico do capítulo, trata de reconhecer o lugar social no qual a revista *O Beija-Flor* foi produzida. Nesse momento, como contraponto utilizou-se a revista *Fon-Fon* – também do mesmo período – com o objetivo de melhor delinear a especificidade da revista em foco. Ambas, possuíam o modelo considerado moderno.

O primeiro capítulo termina com o tópico “mundo social e espiritualidade”, no qual se buscou analisar como a concepção de mundo e os campos espirituais interferiram na produção da revista. Assim como esses foram influenciados pelo mundo social. Este tópico pretende iluminar, portanto, que o projeto político da *O Beija-Flor* baseou-se na circularidade entre o mundo espiritual e social.

No capítulo II, “Contos e Fábulas”, os casos publicados nas revistas são analisados considerando os assuntos desenvolvidos no capítulo anterior. Nesta parte, portanto, desenvolve-se as análises sobre os contos, tanto aqueles que tratam diretamente do “progresso”, quanto os que aparentemente não compreendem o tema.

Estes contos são relacionados com outros e entre si, mesmo os que não denotam nitidamente a relação com a ideia de “progresso”. Esse jogo tem como propósito compreender aspectos estruturais entre as histórias, bem como traçar um possível denominador comum. Este capítulo busca compreender os contos na época de sua publicação e mostrar sua relação com a noção de progresso.

Dando continuidade aos pressupostos iniciados no capítulo II, o tópico “Progresso e Prognóstico”, tem como objetivo compreender a análise relacionando-a, em conjunto com o documento, com a noção de prognóstico, uma vez que o “progresso” e o próprio intuito de ensinar ou divulgar valores visa o futuro e não apenas o presente.

O último tópico “Progresso, modernidade e *O beija-flor*”, relaciona o mundo social enquanto pertencente à atmosfera moderna e a concepção de progresso, que é a reação sobre esse ambiente. Assim, esse tópico propõe relacionar essas concepções que, apesar de etimologicamente particulares, quando relacionadas ao mundo cotidiano se unem e se mesclam.

1. TECNOLOGIAS DE IMPRESSÃO E REVISTAS MODERNAS

Para iluminar as mudanças tecnológicas no âmbito da imprensa do início do século XX, cabe aqui – visando construir uma referência – tecer uma pequena análise dos modos de produção do impresso do início do século XIX. *A Gazeta do Rio de Janeiro* (1809-1822) foi o primeiro jornal normatizado e oficial a ser produzido em terras brasileiras. Apesar de, inicialmente, ser publicado todos os sábados, após alguns meses iniciou suas publicações bissemanais, incluindo uma publicação na quarta-feira.

Além do limite de duas publicações por semana, outro aspecto divulgado pelo jornal nos serve de instrumento para delimitar o tempo de fabricação dos periódicos. Para o anúncio sair no sábado, por exemplo, deveria chegar a tipografia na quarta-feira antes do final da tarde. Os jornais de meados do século XIX eram modelos compiladores, resumiam e publicavam notícias extraídas de periódicos do exterior e utilizavam boatos, “ouviu-se dizer”⁶, como fonte.

Somente em 1874, portanto, 17 anos após a construção da primeira linha de telégrafo no Brasil – que conectava o Rio de Janeiro a Petrópolis – foi que as redações utilizaram-se desta tecnologia. Além do telégrafo, outros dispositivos tecnológicos contribuíram para as mudanças no modo de produção dos periódicos, como o linotipo. Este foi de grande importância para a configuração que viria a consolidar-se no século XX, pois o substituiu o trabalho de 12 composições manuais.

Essas composições constituíam-se na formação de linhas com blocos de letras avulsas que o tipografo, após formar a página, organizava tudo em um esquadro que era colocado na copiadora que imprimia uma folha por vez, restando a ele a troca constante do papel. O linotipo, portanto, economizava o trabalho de montar as linhas, restando somente a junção e a impressão.

As impressoras rotativas, denominadas marionni, possibilitaram, segundo Marialva Barbosa, tiragens de até 10 a 20 mil exemplares por hora. Essas tecnologias influenciaram em todas as áreas de construção de um periódico. Não somente suas formas, mas também o próprio público mudou. É nesse período, final do século XIX e início do XX, que as revistas com informações variadas começam a surgir. Utilizando-se das inúmeras

⁶ “cartas, jornais, boatos, conversas, são fontes de informação que se transformam em notícias nas páginas da Gazeta”. Cf. BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. RJ: Mauad X, 2010. p. 32. As informações que seguem abaixo são baseadas neste estudo.

possibilidades de impressão que as tecnologias permitiam.

Os pilares que sustentariam a imprensa estavam se consolidando no início do século XX. Segundo Ana Luiza Martins⁷, a evolução técnica do impresso, o investimento na alfabetização, os incentivos à aquisição e/ou fabricação do papel foram centrais no processo. Além, é claro, da facilidade de comunicação propiciada pelo telégrafo e o telefone, possibilitando que notícias fossem convergidas para redação com velocidade muito superior a usada anteriormente.

O investimento na alfabetização, apesar de restrito se comparado ao tamanho do país, possibilitou o nascimento de vários grupos consumidores das letras. Aliado a isso, o crescimento das cidades e o desenvolvimento de outras formas de sociabilidade permitiram, involuntariamente, outros paradigmas e preocupações no espaço social.

As mudanças sociais decorrentes da modernidade influenciaram na produção dos periódicos que, no período, dispunham das novidades tecnológicas. Foi, portanto, no início do século XX, que ocorreu a maior distribuição e confecção deste tipo de periódico que investia em produções para determinado grupo social.⁸ Revistas voltadas para a política, mulheres, crianças etc.

Na *Belle Époque* (1900-1920)⁹, as revistas consideradas modernas começaram a ser lançadas. Antes de analisá-las, caracterizar-se-á o modelo que, na época, garantia ao periódico um caráter moderno. Essas revistas ditas modernas possuíam em comum ilustrações coloridas e de qualidade, tratavam de assuntos variados e de maneira breve. As ilustrações visavam garantir que, mesmo os analfabetos, pudessem consumir as informações. Como descreve Tania Regina de Luca:

As inovações não se limitaram às mudanças na estrutura de produção, organização, direção e financiamento, mas atingiram também o conteúdo dos jornais e sua ordenação interna, que começou a exigir gama variada de competências, fruto da divisão do trabalho e da especialização. Este, por sua vez, não se circunscreveu à composição e a impressão propriamente ditas, mas redatores, articulistas, críticos, repórteres, revisores, desenhistas,

⁷MARTINS, Ana Luiza. **Revista em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de república**. São Paulo: Edusp/Fafesp/imesp, 2007.

⁸ Esta constatação não significa que esta abordagem teve início exatamente no período, há produções destinadas a públicos determinados no século XIX, como, por exemplo, os livros destinados aos grupos de menos poder aquisitivo. Sobre o assunto ver: EL FAR, Alessandra. “livreiros dos oitocentos”. In: **Páginas de sensação: literatura popular e pornografia no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Marisa Midori Deaecto que, também, estuda a circulação de livros, constata a existência de sessões – religiosas – específicas para senhoras e crianças. DEACETO, Marisa Midori. **O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011.

⁹ A delimitação do período denominado de “*belle époque*”, como já mencionado, segue a considerada em: NOVAIS, Fernando (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das letras, 1998, v. 3.

fotógrafos, além de empregados administrativos e de operários encarregados de dar materialidade aos textos.¹⁰

Entre as revistas que se destacaram como referência para o conceito de *Belle Époque*, podemos citar as revistas *Kosmos* (1904-1909), *Fon-Fon* (1907-1945) e a *Careta* (1907-1945). As revistas modernas, talvez, como produto da própria modernidade social, traziam de maneira sintetizada os mais variados assuntos, desde política, passando pela arte, ciência, literatura e teatro. A revista *Kosmos* era dirigida por Mário Behring e trazia em edições variadas: críticos, romancistas, teatrólogos, jornalistas, historiadores e poetas, como por exemplo, Olavo Bilac. Segundo Maria L. Eleutério estas revistas eram:

tida[s] como paradigma do mais bem acabado empreendimento entre as revistas consideradas modernas. [...] Em *Kosmos* encontra-se a visão do progresso material e civilizatório que permeou aqueles “tempos eufóricos”, metaforizados em nossa belle époque. [...] Em outro estilo, *Fon-Fon* (1907-1945), integrando em seu nome uma conotação francamente urbanizante, congregava os simbolistas, figurando a representação do modernismo carioca. Suas capas e páginas espelhavam a auto-imagem que a elite e as classes médias em formação faziam do progresso: fotografias de modernos edifícios, a amplitude da avenida central, flagrantes de transeuntes nas movimentadas ruas de comércio no centro da cidade, figurações do urbanismo, tudo isso impresso em papel couchê de alta gramatura, veiculando os textos entre guirlandas *art nouveaux*.¹¹

A abundância de cores, os inovadores planos gráficos, a divisão do periódico em colunas e artigos, diferenciando-os do formato utilizado no século XIX, faziam jus as mudanças que vinham ocorrendo a nível urbano, social, técnico e comunicacional.

1.1 - Política e a revista *O Beija-flor*

As revistas modernas enfatizavam a urbanização, a modernidade e seus símbolos. A revista *Fon-Fon*, como versado anteriormente, representa em suas páginas a sua concepção de modernismo carioca. As capas das edições lançadas em novembro de 1916 possuem aspectos tipicamente modernos, como representações femininas e caricaturas irônicas, tudo

¹⁰ MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 152.

¹¹ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do progresso”. In: **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p.90.

com qualidade proveniente das novas tecnologias.¹² A revista *O beija-flor* – objeto de estudo deste trabalho – do mesmo mês, carrega na capa a imagem de um senhor com uma faca apontada para o pé, intitulada *O bicho de pé*.

As capas são previamente analisadas pelos redatores, assim, podemos considerar que ambas foram qualificadas aptas para estampar as revistas. Mas, para compreender melhor sua concepção, é preciso delimitar os fatores que possibilitaram o surgimento das revistas, levando em conta o lugar social que as organiza.

As revistas são editadas no Rio de Janeiro. A revista *Fon-Fon*, em sua primeira edição (1907), explica a escolha de seu nome, uma buzina de automóvel. Ora, o nome deixa claro seu tom moderno, pois está referenciando o símbolo da modernidade e da elite brasileira: o automóvel. Essa revista encarregava-se de divulgar as últimas novidades de Paris e empregava estrangeirismos em suas páginas.

De maneira cômica e irônica, registrava sua interpretação da Belle Époque no Rio de Janeiro, refletindo, sobretudo, as preocupações da elite brasileira, seus comportamentos, mudanças e esperanças. Destinada a essa parcela da sociedade, a revista *Fon-Fon* apresentava as últimas novidades de Paris e tecia comentários sobre a política e a guerra, além de várias fotos sobre os eventos regionais e mundiais, entremeados, é claro, por muita propaganda.

A revista *O Beija-Flor*, em contrapartida, é fruto das estratégias católicas de adentrar ao modelo social que estava se consolidando no século XX, após a separação do Estado com a Igreja, em 1890¹³. A igreja católica, visando combater a separação e ganhar espaço no meio social, buscou alternativas para propagar sua ideologia.

A separação constitucional da igreja católica com o Estado brasileiro garantiu às elites eclesiais novas preocupações. A instituição religiosa buscou elaborar discursos que a divulgassem e a representassem em meio à nova organização social que se mostrava evidente no início do século XX. É sob esses preceitos que, em 1890, é pensado a construção e o desenvolvimento da “Boa Imprensa”.¹⁴

Enquanto as revistas combatiam a atuação da igreja nos diversos setores da recente República brasileira, pretendendo neutralizar sua influência em questões políticas,

¹² As capas analisadas compreendem os lançamentos dos quarto sábados do mês de Novembro do ano de 1916.

¹³ Sobre o tema, ver: GOMES, Edgar da Silva. A Estadualização da hierarquia Eclesiástica no Brasil: política e poder na relação Estado/Igreja durante a República Velha (1889-1930). In: **Revista Projeto História**, São Paulo, nº37, p. 295-303, Dez.2008.

¹⁴ Para um estudo sobre a imprensa católica, ver: GONÇALVES, Marcos. Missionários da ‘Boa imprensa’: a revista *Ave Maria* e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 63-84 - 2008. Este estudo serviu de base para as considerações que virão a seguir.

como, por exemplo, no âmbito da alfabetização, a elite eclesiástica reconheceu necessário o combate às tendências liberais vigentes à época.

A imprensa mostrou-se o instrumento no qual a Igreja podia se defender, assim como divulgar suas concepções doutrinárias e sociais. Destas preocupações que surgiu, dentre várias outras, a revista infantil *O beija-flor*. Pensada, portanto, como meio para combater as novas formas de sociabilidade e pensamentos divulgados nas revistas modernas de caráter laico e, do mesmo modo, expandir as concepções católicas.

O nome “Boa imprensa” provém da definição, por parte dos intelectuais católicos, da caracterização da “má imprensa”¹⁵. Esta é, segundo eles, a imprensa que propaga contra a fé, os costumes e aos princípios da família cristã, incentivando a liberdade sem restrições.

Essas discussões e ações eclesiásticas que visavam fazer surgir instrumentos de combate à “má imprensa” ocorreram, como dito, no início da República. Essa “construção institucional”¹⁶ destinava-se a “salvar” o povo das instruções errôneas das revistas modernas.

Cabe ressaltar que antes do advento da República, já havia produções eclesiásticas, mas não eram pensadas e não reuniam esforços como ocorrido no período estudado.

Devido ao caráter específico e ao público seletivo, a imprensa católica carecia de recursos financeiros, gerando carência da matéria-prima e capital para impressão. Ademais, a manutenção de leitores, a competição com a imprensa laica, assim como a própria aceitação da constituição da imprensa católica nos moldes modernos, dificultava que as revistas possuíssem vida longa¹⁷.

A imprensa católica é resultado da preocupação com a “má imprensa”, a qual, segundo a compreensão eclesiástica, representa a modernidade em todos seus aspectos, sociais, políticos, tecnológicos etc. Além disto, ela possui o papel de divulgar e conservar a própria doutrina, mantendo os católicos distantes de outras formas de religião.

O Pressuposto da instituição considera que as más leituras eram responsáveis pela corrupção da vida em sociedade, dos costumes, das tradições e da violência. Assim, cabia à Boa imprensa resgatar a vida dos devotos contribuindo para a salvação da sociedade. Segue a

¹⁵ Sobre esse estudo: CAES, André Luiz. **As portas do inferno não prevalecerão**: a espiritualidade católica como estratégia política (1872 – 1916). Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002.

¹⁶ Termo utilizado por Sérgio Miceli, para caracterizar as mudanças ocorridas na instituição religiosa no período da primeira República. Refere-se ao período de maior ação da igreja no meio político (1890-1930). Ver: MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

¹⁷ Uma exceção é a revista Ave Maria, lançada em 1899 e publicada até hoje.

interpretação do arcebispo da Paraíba: “A cruzada moderna já não é mais a da meia-idade, mas doutra espécie: é o apostolado da imprensa.”¹⁸

Logo, as produções da “Boa imprensa” são representações da compreensão do mundo e de como agir em meio às mudanças na vida social e pessoal. A política também era contestada nas páginas das revistas, isto porque a “Boa imprensa” também foi pensada como combate aos crescentes apoios a secularização em vários setores da sociedade.

Conforme demonstra Caes, a imprensa católica é resultado da elaboração de estratégias para combater a secularização, manter os devotos e atrair novos sujeitos ao seio da doutrina católica. É deste anseio que, por meio, de um movimento moderno, a igreja lança as revistas e os boletins religiosos.

Foi, neste contexto, que surgiu a revista *O Beija-Flor*, destinada ao público infantil. E, como as revistas da categoria, conta com charadas, pequenos contos e área de publicação para retratos dos pequenos leitores, com idade máxima de 12 anos. O exemplar avulso custa 200 reis, o mesmo preço que cobrava a revista *O Tico-Tico*, também de categoria infantil, mas com maior visibilidade.

As semelhanças terminam no preço, no público destinado e nos concursos. Isso porque alguns aspectos físicos do periódico católico nos revelam alguns obstáculos. Apesar de custar 200 reais, como a revista *O Tico-Tico*, *O beija-flor* não contava com impressos coloridos e era publicada quinzenalmente, enquanto *O Tico-Tico* saía todas as quartas-feiras.

Apesar das limitações gráficas, o periódico católico objetivava um amplo alcance, como se pode aferir nas recomendações de postagens. Segue as recomendações:

Os prazos serão de 15 dias para os decifreadores da capital federal, estado do rio, paraná e espirito santo; de 26 dias dos da bahia, santa catrina e rio grande do sul; 28 dias para os de Sergipe ,alagoas e Pernambuco; 30 dias os da parahyba até o Ceará e de 40 ao restante, tudo a contar pela data de publicação.¹⁹

Apesar do público seletivo e da simples composição técnica, se comparado à outra revista infantil, “*O beija-flor*” possuía alcance considerável, ou seja, possuía espaço no mercado, mesmo que restrito, se comparada à outra. As limitações técnicas e econômicas faziam efêmeros os periódicos católicos. No caso da revista estudada – no que é possível

¹⁸ Carta pastoral de D. Aducto Aurélio de Miranda Henriques, Arcebispo Metropolitano da Parahyba do Norte, do nosso dever para com a imprensa, parahyba, 1918. Apud: CAES, André Luiz. Op. cit, p.162.

¹⁹ **Revista infantil *O Beija Flor***. Rio de Janeiro, n. 22, nov. 1916.

averiguar – circulou até meados da década de 1920, sendo que a última edição que possuímos em acervo data de 1924 e não faz referências a um possível fim.²⁰

A realização de práticas estratégicas oriundas da elite eclesiástica, visando combater a secularização da sociedade, possibilita-nos supor que as mudanças ocorridas na passagem do século XIX para o XX, foram de ampla visibilidade e efetivas no sentido de causar uma reação na igreja católica.

A elite intelectual eclesiástica via na nova sociabilidade a perda de seu papel de importância nos setores políticos e sociais. Além disso, as publicações laicas mostravam-se como atentados a tradição familiar católica, agindo, não somente como contraposição nos assuntos ligados a política; mas, também, nos aspectos cotidianos.

O reconhecimento, por parte da igreja, da força de propaganda dos periódicos laicos, mobilizou a entrada efetiva da igreja no âmbito dos impressos. Além da revista estudada aqui, outras foram lançadas para atingir o público adulto.²¹ A estratégia católica, no que diz respeito à revista *O beija-flor*, consistia em trazer os aspectos considerados pecaminosos do cotidiano contemporâneo e relacioná-los com seus fundamentos religiosos a fim de demonstrar, por meio dos contos, as consequências que o mundo moderno e a falta de consciência cristã gerariam e geravam aos meros mortais.

É nesta atmosfera que a citação do arcebispo D. Adauto Henriques – acima mencionada – mostra-se pertinente. Para ele, a ação católica por meio da imprensa se comparava a cruzada na Idade Média. Isto, porque, o arcebispo via na sociedade na qual era contemporâneo a mesma necessidade de reação que ocorreram nas cruzadas. Preocupava-se com as perdições e consequências que a falta de fé e a secularização provocavam.

1.2 - Mundo social e espiritualidade

Traçamos, até o momento, as características gerais da imprensa e, especificamente, das revistas modernas do início do século XX. Entre a história da imprensa e as delimitações das revistas, tornou-se claro o poder do impresso, seu potencial de propaganda e persuasão, sobretudo, em um mundo que não dispunha de muitas tecnologias para chegar às

²⁰ As edições disponíveis estão hospedadas no site do arquivo do São Paulo. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/a_revistas.php?pesq=1&titulo=BeijaFlor%2C+O&local=&anoi=&anof=&Reset2=Buscar. Acessado em: 08/05/2013

²¹ Por exemplo: a *Seleta Católica* (1846- 1847) e *O Eclesiástico* (1852). Sobre essa última não foi possível encontrar informações acerca de sua última edição.

massas. Neste tópico, faço uma relação entre a questão estudada nesta pesquisa com a tese de doutorado de André Luiz Cães – usada anteriormente – que dá ênfase para a associação da espiritualidade com o projeto político da Igreja.

A igreja, ciente dos câmbios sociais intensificados no início do século XX, se esforçou para combater e divulgar sua doutrina pelo mecanismo que é fruto e símbolo da modernidade: a imprensa. Cabe compreendermos em qual aspecto e função a espiritualidade católica e o mundo social foi representado nos contos da revista *O beija-flor*.

As representações do mundo social são sempre determinadas pelo grupo no qual é proveniente e de sua relação com o ambiente no qual é circunscrito. A revista, como analisada anteriormente, é proveniente da articulação da igreja católica contra as ideias veiculadas pelas revistas laicas.

O beija-flor é destinado ao público infantil e seletivo, visto que, além de explicitamente religiosa, a capacidade de leitura era um recurso para poucos, restringindo-se, na maioria, às elites. Trata-se de uma revista infantil, religiosa e com uma função específica: combater a secularização da sociedade e divulgar a doutrina católica.

O mundo decifrado é resultado dos meios intelectuais e do posicionamento do indivíduo perante a sua sociedade, sendo materializada, no caso analisado, em contos. Especificamente no ambiente que analisamos, outro aspecto tem importância na maneira que o social é representado: a espiritualidade.

A espiritualidade faz-se como contraponto da vida material, e como qualquer outra peça da construção humana, é resultado da contraposição do contexto histórico e do ambiente social. O choque entre os valores espirituais e as normas sociais que, desde o final do século XIX, estava modificando-se de maneira rápida, é um dos fatores que garante a ação do primeiro contra o segundo.

A espiritualidade ao impor determinados valores e normas propõe que sejam realizadas práticas determinadas, insere-se na experiência cultural do indivíduo enquanto comportamento social e individual, no sentido de que impõem determinada ação a determinado estímulo a um acontecimento.

A igreja possui duas organizações que se relacionam. A espiritual, com suas doutrinas e práticas próprias e a institucional, organizada juridicamente e responsável pela evangelização e administração dos sacramentos. Essas posições internas são intercambiáveis.

A igreja, enquanto instituição busca defender seus interesses com os meios possíveis, especialmente após a separação com o Estado, no início da república. O objetivo

institucional da igreja é propagar a mensagem e alimentar a fé, utilizando-se do mecanismo disponível para alcançar o maior público possível.

Não apenas no sentido espiritual, mas, também, outras instâncias sociais eram combatidas e questionadas pela elite eclesiástica. A educação, por exemplo, foi um dos aspectos relevantes questionado pela igreja. Pois a separação do ensino entre laico e religioso não contribuía, segundo a Igreja, para a formação moral do cidadão e resultava no mal vivenciado pela sociedade e propagado pelas revistas laicas.

As mudanças institucionais e culturais articuladas pelo governo republicano visavam constituir um sentimento de unidade ao país que recém deixou a monarquia, assim como combater seus males. A partir dessas questões, tornou-se necessário identificar e aplicar políticas que apontassem o progresso civilizatório para a nova nação republicana.

Um dos meios propostos para organizar o caminho da nação para o estado de civilidade esperada foi, como salienta Jorge Nagle, a escolarização:

Uma das maneiras mais diretas de situar a questão consiste em afirmar que o mais manifesto resultado das transformações sociais mencionadas foi o aparecimento de inusitado entusiasmo pela escolarização e de marcante otimismo pedagógico: de um lado, existia a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional, e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo; de outro lado, existe a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização indicam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro (escolanovismo).²²

Segundo o autor, a escolarização era vista como a possibilidade de reformular o homem, garantindo, assim, uma das possibilidades de civilizar a nação e desprender-se do passado colonialista e escravista. Este estado de pensamento sobre a condução da nação fez surgir discussões sobre as possibilidades e objetivos de promover uma escolarização de maior abrangência e com objetivos delimitados.

Parece que são os velhos sonhos do republicanismo histórico que voltam a perturbar a mente dos republicanos quase desiludidos; por exemplo, o sonho da República espargindo as luzes da instrução para todo o povo brasileiro e democratizando a sociedade, ou o sonho de, pela instrução, formar o cidadão cívica e moralmente, de maneira a colaborar para que o Brasil se transforme em uma nação à altura das mais progressivas civilizações do século.²³

²² NAGLE, Jorge. Editora Pedagógica e Universitária. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo, 1976, p-99.

²³ Idem, p.100

Entretanto, as discussões acerca do ensino possuíam um caráter extra-pedagógico, ou seja, visavam questões políticas que buscavam “corrigir” os males do país. A educação, para os intelectuais que seguiam a vertente científica dominante na época, serviria para solucionar os problemas políticos relacionados à população e criar homens capazes de ler, uma vez que o analfabetismo não garantia o direito político.

Foi somente no final da primeira década republicana, que surgiu o “técnico” em escolarização, instrumento que serve para por em prática as ideias institucionais de criar políticas para o desenvolvimento da nação. A escolarização, nos três primeiros decênios, tem objetivos delimitados: diminuir o analfabetismo, garantir a cultura cívica e extinguir a ignorância dos preceitos higiênicos.

As discussões quanto ao ensino, direcionavam-se, também para questão religiosa. A preocupação do governo quanto à civilidade possivelmente alcançável, não convergia com as concepções ideológicas da igreja. Neste ponto, a ideia de civilidade da igreja choca-se com a do Estado. A espiritualidade, que garante determinada ótica sobre o mundo social, usa da instituição religiosa para combater e defender suas concepções, utilizando-se, para isso, das novas tecnologias de comunicação.

É neste contexto que a igreja, enquanto instituição, pode-se expandir no terreno administrativo e burocrático, pois não há mais o padroado que garantia ao imperador o poder de decidir sobre as questões internas da instituição.

A relação da sociedade com os novos meios tecnológicos, as mudanças políticas, culturais, o cientificismo e a separação oficial da igreja com o Estado, possibilitaram novas estratégias de ambos os ambientes.

A igreja, agora, com o domínio burocrático e administrativo, pode combater o que lhe parecia incompatível com as concepções religiosas. Assim, pôde reunir esforços para constituir uma rede de impressos veiculados pela “Boa imprensa”.²⁴

²⁴ A imprensa, nesse contexto, tornou-se um veículo essencial para que a doutrina fosse difundida e pudesse atuar em todos os meios sociais. Mais que isso, viabilizou o propósito de manter os católicos distantes, tanto quanto possível, do contato com outras doutrinas. CAES, André Luiz. **As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política (1872 – 1916)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002. P-162.p-166.

2. CONTOS E FÁBULAS²⁵

O beija-flor era destinado ao público jovem, sobretudo aos cristãos e possuía um objetivo claro, garantir que os preceitos morais não fossem esquecidos por força das mudanças que ocorriam na sociedade do período. A maneira de alcançar o público jovem, evidentemente, era organizando histórias que interessassem a eles. Longe de buscar o puro entretenimento – no período analisado – as histórias infantis possuíam um objetivo pedagógico. *O Tico - Tico*, a primeira revista em quadrinhos infantil, tinha clara sua posição de abnegação com o civismo. Neste aspecto, *O Tico-Tico* é o oposto do que defende *O Beija-Flor*.

A duas revistas cumprem um papel semelhante e, de certa forma, falam sobre o mesmo assunto, mesmo que com interpretações distintas. Este assunto, o progresso, é materializado nos contos que são permeados pelas características culturais e sociais datadas e estimuladoras para ambas as revistas. Visto que as duas tratam de ideias que concernem ao “progresso”, em um período que a ciência já está consolidada como referência da “verdade”.

Assim, cabe questionar sobre alguns vieses dos contos e fábulas publicados. Quais eram as intenções ao se escrever um conto para *O beija-flor*? Em meio às mudanças culturais do início do século XX, em que lugar se posiciona o autor ou narrador da história? Quais as possíveis lições morais e/ou a própria função do conto, alertar as crianças e/ou os adultos? Lutar contra o “progresso” e as mudanças provenientes deste? Para tentar responder a essas questões, iniciaremos, com a análise dos contos e fábulas da revista de 1916.

As histórias e fábulas existem há muito tempo e serviam para alertar crianças e adultos, assim como para suprimir algum desejo ou garantir momentos de divertimento. Há evidências de que muitos contos camponeses existiam há séculos antes de serem transcritos pelos folcloristas europeus do século XIX. Muitos contos, quando influenciados por outros de origem distintas são adaptados, muitas vezes, para o contexto onde o conto será reproduzido, permitindo, assim, a decifração da ideia central implícita. Portanto, a audiência implica ao

²⁵ Neste momento, o leitor irá perceber que as páginas em que se encontram os contos citados estão dispostas com números altos, duzentos, trezentos etc. Essa característica deve-se a lógica de numeração imposta editorialmente. Provavelmente, à numeração iniciaria no ano novo e continuaria entre as edições até o final do ano produtivo. Para basear-me empiricamente sobre esta lógica, dispus da seguinte constatação: Cada revista é dividida em 20 páginas e são lançadas quinzenalmente, o que nos dá um resultado de 480 páginas ao ano. Especificamente sobre os autores, visto que carece de trabalhos especificamente sobre isto, não nos foi possível traçar a trajetória individual de nenhum, mas sabemos que eram padres da igreja católica.

produtor do conto a modelagem de alguns aspectos. Outro fator relevante é a própria especificidade do espaço e do tempo no qual o sujeito produtor está inserido.

Uma história que serve para exemplificar as adaptações que um conto ou fábula pode sofrer é o caso da *Cinderela chinesa*. No conto, ao invés de fada madrinha e do baile real, a cinderela encontra um peixe mágico e vai a uma festa de aldeia.²⁶ A estrutura do conto continua a mesma, apenas sendo esteticamente moldada a realidade chinesa. Evidentemente, não são apenas os ornamentos que são transformados, algumas questões ganham novos significados e, às vezes, contos são pegos aqui e acolá se transformando em um só.

Não apenas a moral implícita, mas o jogo de oposição nos denota alguns aspectos da interpretação social dos indivíduos estudados. Portanto, podemos nos questionar o que compartilhavam, quais aspectos eram privilegiados e quais eram omitidos. Para compreender a maneira como o progresso era interpretado pelos contos da revista *O Beija-Flor*, é necessário caminhar por meio das questões acima colocadas. Mostrar que diante do entretenimento moderno, é possível analisar uma interpretação da noção de progresso do início do século XX.

Nesse contexto, insere-se a revista aqui estudada. Seus contos, permeados de moral, são escritos pensando no contato com o público infantil. Mas é claro, muitas vezes por intermédio de um adulto. Assim, os contos e fábulas publicados possuem um caráter pedagógico e moralizante. O primeiro conto, de novembro de 1916, intitulado *A mendiga*, conta a história de uma pobre mendiga que é acolhida por um casal camponês. No dia seguinte, o mesmo casal é convidado para jantar no castelo vizinho. Eis, que para a surpresa do casal, a mendiga, na realidade, era a dona do castelo. Após oferecer-lhe um belo jantar, a dona profere:

Essa boa família – acrescentou, mostrando o camponês e sua mulher – foi à única que me tratou caridosamente [...] Quanto a vós outros contentai-vos com o que vedes nestes pratos, por ser justamente o que ontem me destes, e lembrai-vos de que assim sereis um dia tratados no outro mundo.²⁷

Outro conto, publicado na mesma edição que esse, relata a história de Pupo e seu amigo Patatufo. O conto, intitulado *A viagem à lua* tem como tema a viagem feita por Pupo à lua, relatando as incríveis façanhas que fizestes no lugar. Segundo Pupo, a Lua foi o melhor lugar que conheceu: “A Lua... sim, a Lua... Lá não falta nada... Lá tudo é beleza, saúde,

²⁶ DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. 5. ed. SP: Editora Graal, 2006, p.36

²⁷ DELDADO. A mendiga. In: **Revista infantil O Beija Flor**. Rio de Janeiro, n. 22, nov. 1916, p. 337.

gorduras... [...] Quando lá estive lamentei não ter levado fogo... Na Lua tudo há; só fogo é que não”²⁸. Deslumbrado com a beleza sobre o mundo lunar, Patatufo questiona o amigo sobre porque voltou e recebe a resposta que foi devido aos credores. Pupo continua narrando sua viagem e se contradiz quando relata que: “lá na lua existe tanta caça – continuou o sabido Pupo - que nos risonhos e felizes dias em que por lá andava, alimentava-me exclusivamente de carne!”²⁹ esquecendo que havia dito que não havia fogo na lua. Após o relato do amigo, Patatufo, furioso, indaga: “Com a bréca! ... Que história é esta, ó doutor Pupo? ... Não engulo esta pílula... Está por demais salgada...”³⁰

Em *A rosa*, uma fábula publicada em 1917, uma garota avista uma rosa e quando vai colhê-la, acaba por se machucar com o espinho. A rosa, depois de “morde-la” lhe dá uma lição: “Ouve Mariazinha. A vida é isto: às vezes uma rosa, mas, o espinho. [...] trata bem as flores e os animais e tu serás feliz”.³¹

Todas as histórias possuem um caráter moral. A primeira, na qual a gentileza sem ganância garante aos camponeses um jantar, é muito semelhante a um conto camponês denominado “Le deable et le marechal ferrant”³². Esse conto francês, narra a história de um soldado que, arruinado, acaba tornando-se mendigo e diante de alguns na mesma posição, acaba por dividir o pouco que lhe restava com outros. Como no conto da revista, nesse, um dos mendigos era São Pedro disfarçado, o que lhe rende, posteriormente, algumas regalias.

Provavelmente, muitas das histórias narradas pelos padres e publicadas na revista tenham influências das histórias camponesas da Europa, por meio da organização realizada, no início do século XIX, pelos irmãos Grim. Apesar da impossibilidade de encontrar a fonte exata que os padres utilizaram, alguns contos têm a estrutura semelhante aos transmitidos oralmente pelos camponeses durante séculos. Aliás, no conto *A Mendiga*, os camponeses são convidados a jantar em um castelo, um cenário muito mais próximo da Europa do que do Brasil no início do século XX.

Apesar de alguns contos serem baseados em contos camponeses da Europa de séculos antes do surgimento da “Boa imprensa”, cabe ressaltar que a condição contemporânea à revista objetiva-os de maneira distinta. No conto *A mendiga*, a garantia de bom tratamento

²⁸ MIRANDA, Arlindo Ribeiro. “Viagem à lua”. In: **Revista infantil O Beija Flor**. Rio de Janeiro, n. 22, nov. 1916, p.338.

²⁹ Ibid, p. 338.

³⁰ Ibid. p. 339.

³¹ MARCIANO, Mario. “A rosa”. In: **Revista infantil O Beija Flor**. Rio de Janeiro, N. 15, AGO. 1917, p. 232.

³² Sobre o conto ver: DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. 5. ed. São Paulo: Editora Graal, 2006, p.52.

no céu é a maior recompensa. Este aspecto é muito distinto da versão francesa, na qual São Pedro concede um desejo ao soldado que, sem hesitar, pede um prato de comida.

Esta comparação nos permite notar alguns aspectos dos mundos sociais vinculados ao conto. No conto francês, torna-se evidente que a comida é um luxo, em contrapartida, o conto da revista privilegia a ação dos personagens. Nota-se, a distinção entre a recompensa espiritual e terrena. A questão que se propõe analisar – a do progresso – pode não comparecer explicitamente neste primeiro conto analisado, mas há características importantes que esta comparação nos destaca, a fim de melhor compreender os contos que possuem a questão do progresso de maneira evidente.

Nos contos *A rosa* e *A viagem à Lua*, podemos notar que possuem uma mensagem clara. No primeiro, Mariazinha se machuca, mas entende que deve manter-se como uma boa pessoa, não fazendo mal às flores e aos animais. Assim como em *A mendiga*, neste, também, o indivíduo é recompensado de maneira espiritual.

Em *A viagem à lua*, a mensagem provém de Patatufu, quando não aceita a história do amigo. Algo para alertar a desconfiança para questões extraordinárias. Justamente nesse conto, podemos considerar alguns aspectos do exame principal proposto nesta monografia.

As primeiras décadas do século XX foram circundadas pelo progresso técnico e científico, assim como pelas projeções que essas mudanças geravam no campo cultural. As imagens futuristas de Jean-Marc Côté³³ nos permite compreender a intensidade da tecnologia na concepção do ocidente no período. Nos postais que pintou na França – entre 1889 e 1910 – há um em que se imaginou uma máquina, no século XXI, capaz de processar livros e transmiti-los diretamente aos alunos, infelizmente, Côté estava errado.

Considerando que o período propiciou projetar coisas aparentemente impossíveis, como transmitir conhecimento por uma máquina ou viajar para a lua, creio que a noção de progresso abrangia até mesmo os grupos mais tradicionais e opositores a ela, mesmo que enfrentando sua resistência. Afinal, foi possível, ao padre que escreveu o conto, imaginar uma viagem à lua. Pupo, portanto, tem lugar específico no mundo social que o criou, ele representa o progresso, a ciência e seu discurso recheado de promessas.

A História de um sapateiro, publicada em janeiro de 1918, conta a história de Tibúrcio, um sapateiro honesto e trabalhador. Vivia de maneira humilde, mas feliz, com casa

³³ Jean-Marc Côté foi um artista francês que, durante os primeiros anos do século XX, junto a outros artistas comerciais, pintaram imagens de projeções do futuro, mais precisamente de sua imaginação sobre a França dos anos 2000. As imagens são de domínio público e podem ser vistas no site: publicdomainreview.org

própria e sem dívidas. Mas, então, um “emissário de satanás, disposto a colocar um óbice àquela existência feliz”³⁴, chegou à cidade de Tibúrcio:

Instalara-se na cidade o telégrafo; e com este melhoramento veio como bagagem, uma praga horrenda, inseparável hoje, na nossa desventurada terra, deste invento humano. Veio, sabem o que? O jogo do bicho.³⁵

O sapateiro se nega a jogar, mas devido a uma mentira contada por seu amigo, o qual dizia sobre as facilidades de ganhar, acabou por apostar. E, então “Desde esse dia (pois, ganhou), arraigou-se no coração do bom homem a sede do jogo, perdia mais do que ganhava; no entanto, não deixava de jogar”³⁶

O conto termina com Tibúrcio descalço e sem chapéu, pois os vendeu para tentar recuperar o dinheiro perdido no jogo. Em *O corajoso*, um homem denominado Latão, pretende ficar rico com sua plantação, mas certa manhã, ao acordar, percebe que a plantação foi destruída por uma vaca. Furioso, arma-se e sai à caça.

O desfecho da história é dramático para latão, com medo da vaca, o homem quase desmaia e esconde-se em cima de uma bananeira. Sua irmã, dada à falta de latão, sai a sua procura e o salva, espantando a vaca a porretadas.

Estes últimos contos possuem desfechos e estruturas semelhantes. Em *A viagem à lua*, Pupo é mentiroso, pois narra façanhas extraordinárias. A *História de um sapateiro*, também possui um papel chave para a mentira. Instrumento usado para convencer Tibúrcio a jogar no bicho. Em *O corajoso*, Latão, notoriamente buscando riqueza, não consegue esconder sua covardia diante da vaca, sendo salvo por sua irmã.

No conto de Tibúrcio e de Latão, ambos são deixados tentar por um objeto determinado: a riqueza. O aspecto que é salientado nos dois contos é a ganância: um pecado. Tratando-se de contos escritos por padres, estão circunscritos na esfera religiosa e não é surpresa encontrar pecados como eixo principal das narrativas.

Estes, provavelmente, são construídos por uma antevisão estratégica. No caso proposto, essa estratégia é pertinente ao campo religioso. Tal estratégia é posta pela própria editora³⁷. Considerando que os contos foram, de certa maneira, estrategicamente construídos,

³⁴ HULANO. “A história de um sapateiro”. In: *Revista infantil O Beija Flor*. Rio de Janeiro, n. 2, jan. 1918, p. 17.

³⁵ Ibid, p. 18.

³⁶ Idem

³⁷ Sobre essas estratégias eclesiais, ver: CAES, André Luiz. O dispositivo católico. In: **As portas do inferno não prevalecerão: A espiritualidade católica como estratégia política (1872 – 1916)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002. P-103-144.

as características que citamos, se analisadas em conjunto com sua posição no conto, nos permitem algumas considerações. Os desfechos das narrativas possuem local comum aos personagens que se deixam tentar pelas mentiras que lhes são ditas ou pela própria ganância. Assim, podemos, analisar em quais referenciais esses conceitos se materializam.

No conto, *A viagem à lua*, a mentira era representada por Pupo, homem que narra à façanha extraordinária de ir à lua. No caso de Tibúrcio, a crença em um amigo lhe rende a miséria, pois é instigado a jogar no bicho. No entanto, o mensageiro do satanás não foi referido ao amigo, mas ao telégrafo.

Nos dois contos, o “mal” é materializado nos avanços tecnológicos. O objetivo é alertar os indivíduos dos males que as tecnologias trazem. O mal, portanto, se manifesta no progresso por desviar a atenção dos homens aos preceitos religiosos. Nos contos, as pessoas são boas até deixarem-se enganar pelas promessas do progresso.

A introdução técnica no âmbito do mundo social mostrava-se um perigo para a instituição eclesiástica porque confrontava as considerações epistemológicas que fundavam os preceitos estabelecidos pela igreja. Esta, por prestar-se de maneira tradicionalista, tem por evidente certos preceitos que estavam estabelecidos há muito tempo.

Podemos imaginar que, as mudanças nas relações sociais, foram consideráveis, pois criaram a necessidade – até, então, inexistente – de produzir uma revista infantil, estrategicamente e publicamente disposta a enfrentar a má imprensa. As estruturas dos contos são as mesmas, o bem e o mal. Instrumentos do mal: mentira, ganância, tecnologia. E o desfecho que denota o período de desvinculo com a tradição.

Patatufu, da história da viagem à lua, acaba se safando, pois encontra a contradição na história do amigo; Tibúrcio, no entanto, perde tudo por não desconfiar das promessas a ele proferidas; Latão, além de perder parte da colheita, a sede de riqueza lhe rende raiva e vergonha, pois ao tentar matar a vaca, foge como um covarde.

Esses contos são publicados em edições que trazem vários outros contos³⁸ semelhantes aos de *A Mariazinha* e *A mendiga*, nitidamente repleto de valor moral cristão e deixando claras as recompensas e dividas nos assuntos que aludem à espiritualidade católica.

Até aqui, contentamo-nos, a examinar os contos e sua estrutura. Entretanto, cabem, algumas questões que extrapolam os contos analisados até o momento. Como os contos eram lidos? Em quais momentos eram enfatizados? Onde ocorria variação de tom?

³⁸ Por exemplo, na edição N°22, de novembro de 1916, a qual trás o conto *A viagem à lua*, também possui o conto *Um pequeno herói* e *Uma travessura*, escrito em versos.

Esse universo carece de fontes, mas são possíveis algumas considerações baseadas na própria revista.

Examinamos, portanto, se a revista indica uma maneira de ler ou interpretar a leitura. Na edição de agosto de 1918, há um conto que possui algumas características importantes para a pesquisa. Intitulado *A má imprensa e as más companhias*. Diferente dos outros, nesse conto o narrador introduz uma interpretação da sociedade antes de iniciar a narrativa:

De todos os monstros sociais, o pior e mais temível é a má imprensa em cujas garras aduncas e facionaras se oculta à ferocidade inaudita. Tão temíveis e desprezíveis como a má imprensa, as más companhias constituem um pau infecto de males e vícios, que contaminam o organismo social, tornando-o doentio, insalubre.³⁹

Esta introdução pretende deixar clara a causa da imoralidade do mundo contemporâneo à revista. As coisas consideradas ruins são “monstros”, pois tem como objetivo o ambiente cultural infantil. Para alertar as crianças, é necessário modelar as palavras e seus referentes, à medida que possa ser claro para um público determinado.

Como denota o título, a relação entre a má imprensa e a má companhia é evidente. Mesmo que não houve, aparentemente, a necessidade de destacar este caráter, o autor vê necessário introduzir o leitor e os ouvintes em determinada esfera interpretativa.

Neste conto é possível considerar que a leitura consistia, provavelmente, com um adulto lendo para um grupo de crianças. Configuração que pode mudar a maneira de leitura. Uma leitura em grupo ou uma leitura para o grupo ocorre de maneiras distintas, assim como a leitura individual permite outra interpretação. Enfim, não sabemos quais os resultados dessas características, mas as diversas formas mudam a maneira de ler e interpretar.

Tratando-se de uma revista infantil e de um período que a alfabetização em massa estava sendo ensaiada, é compreensível que os contos fossem estruturados e narrados de modo a serem lidos em voz alta. No final da introdução do conto sobre a má companhia, o narrador diz: “Ouçam”.

Pressupõe-se que a leitura seja feita por um adulto para as crianças. A preocupação do autor em explicar o que é mal, destina-se as crianças e, é claro, ao adulto. Tal perspectiva coincide com a baixa qualidade e quantidade das imagens. Se a revista é pensada

³⁹ MIRANDA, Veraldino. “A má imprensa e as más companhias”. In: **Revista infantil O Beija Flor**. Rio de Janeiro, N. 16, ago. 1918, p. 247.

para a leitura em grupo, de um adulto para, possivelmente, várias crianças, não é necessário aumentar os recursos para a qualidade gráfica.

2.1- Progresso e prognóstico

Para entendermos o progresso que era vinculado ao *O Beija-Flor*, procuramos analisar as estruturas e as formas que as narrativas eram construídas. O ambiente, os personagens, suas ações etc., relacionando-as a contemporaneidade da revista, de modo que nos fosse possível considerar com o que as características do mundo moderno dialogavam.

Além dos contos com a temática específica, foram analisadas fábulas que não possuíam, pelo menos nitidamente, relação com características de sociabilidade moderna diretamente ligada às tecnologias.⁴⁰ Entretanto, o progresso, noção com a qual estamos trabalhando desde o início, possui um vínculo com outro substantivo: o futuro. Assim, não poderia me reter ao estudo dos contos relacionados com sua contemporaneidade, sem considerar que os próprios demonstram preocupações com o futuro que o próprio presente lhes sugere.

Para compreendermos o progresso, devemos compreender a ideia de futuro. Em “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”, Nicolau Sevcenko afirma que o futuro era: “[...] o ideal máximo almejado pelos homens que mantinham posições decisórias no curso da revolução Científico-Tecnológicas⁴¹”; pois, possuía as qualidades de um tempo glorioso, no qual o homem estaria provido dos produtos mais belos da racionalidade humana. Mas, considerando os desfechos dos contos acima analisados, talvez o futuro que proveria deste progresso, não traria tanta beleza na visão da revista *O Beija-Flor*.

A “nova” sociabilidade e suas características relacionadas às tecnologias, como o telégrafo e o jogo do bicho, caracterizavam, além da própria contemporaneidade, um tempo específico muito além do presente.

As diferentes interpretações do progresso ou as características da instituição eclesiástica em confrontá-los, denotam que seus contemporâneos possuíam fatores

⁴⁰ Refiro-me as mudanças e novas formas de sociabilidade que foram possíveis devido a existências de determinadas tecnologias. Por exemplo, a invenção da imprensa, que garantiu que muitos pudessem conhecer a escrita e sua aprimoração em meados do século XIX, que gerou maior distribuição de informação, independente da qualidade ou do teor. As mudanças tecnológicas não apenas auxiliam em determinadas tarefas, mas cambiam as relações humanas.

⁴¹ SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do rio”. In: NOVAIS, F. (Coord.). Op. cit., p-515.

determinados que caracterizassem e objetivassem o presente, permitindo uma visão do futuro a ser combatida pela *O Beija-Flor*.

O alerta é sobre quem pode ver o futuro e o que o progresso originaria. Para *O Beija-Flor*, o presente possuía uma estrutura temporal que permitia esperar um futuro ruim, as mudanças na sociabilidade, na estrutura familiar, nas relações de trabalho, no espaço privado e público. Enfim, para a igreja católica, esses aspectos eram sinais de um futuro determinadamente nefasto.

Ela alerta, como nos contos do Sapateiro e da Viagem à Lua, sobre visões do progresso provenientes de visionários distantes da cultura eclesiástica. O “progresso” cria novas expectativas temporais, novos destinos futuros, muitas vezes distante da tradição eclesiástica.

Para *O Beija-Flor*, o progresso possuía características alarmantes, pois gerava determinado prognóstico. Ora, as mudanças sociais e políticas desestabilizavam o tradicionalismo eclesiástico e, possivelmente, o prognóstico alheio derivaria disto. Assim, a posição da igreja católica no período, provavelmente, estava em contraste com as novas sociabilidades e prognósticos laicos.

A própria antevisão do futuro – por parte dos padres escritores – consiste num contraponto que provém da mesma linha, mas em direção contrária aos prognósticos de outras revistas do período, como a *Fon-Fon*. O que nos permite compreender o próprio nome da imprensa católica⁴², que, na realidade, é o primeiro delimitador da noção do progresso.

Para a revista, o progresso mostrava-se como uma força que desestabilizava a vida humana a tal ponto que garantia um prognóstico que originava ferramentas de combate, como a revista aqui estudada. A antevisão era drástica a ponto de um padre, como visto no capítulo I, relacionar dois tempos históricos distintos: o final do século XIX com as cruzadas da Idade Média.⁴³

A necessidade de comunicação é inquestionável. Desde os primeiros relatos há evidências da urgência de comunicação independentemente da forma. No caso estudado, vimos como a revista foi produzida de modo a atingir determinado grupo. A instituição eclesiástica possuía consciência do valor da imprensa para difundir informação e determinada interpretação social.

⁴² A “boa imprensa” possuía este nome como contraponto as outras imprensas do período, ou seja, caracterizava as outras como “má imprensa”.

⁴³ Ver: Capítulo I, página 06

Na Idade Média – como demonstra Asa Briggs e Peter Burke – a Igreja organizava suas práticas comunicativas de acordo com os grupos sociais para os quais eram destinadas:

[...] o altar, mais do que o púlpito, ocupava o centro das igrejas cristãs. No entanto o sermão dos padres já era obrigação aceita, e os frades pregavam nas ruas e praças da cidade, assim como nas igrejas. Havia distinções entre os *sermões dominicales* para os domingos e os *sermões festivi* para os vários dias de festa, sendo que o estilo da pregação (simples ou rebuscado, sério ou divertido, contido ou histriônico) era conscientemente adaptado às plateias urbana ou rural, clerical ou leiga.⁴⁴

A possibilidade de comunicação era explorada de maneira que, na sua contemporaneidade, melhor lhe convinha. Portanto, na Idade-Média, os padres articulavam o tom, mudavam uma coisa aqui e acolá, mas mantinham o mesmo sermão. As estratégias de oratória eram modificadas pelo público que, apesar de não agir conscientemente, garantia uma ação ao comunicador. Essa mobilidade é denominada de “retórica eclesiástica”.

Essa exposição tem como objetivo exemplificar e comparar sem pretender traçar uma lógica retrospectiva, pois os contextos e espaços são distintos. Mas, sim, para trazer à luz certas estratégias da comunicação e analisar como são usadas para atingir determinado público sobre determinado assunto.

A revista era uma ferramenta eclesiástica para lhe garantir comunicação com os indivíduos que possuíam a liberdade de escolher entre as diversas revistas, jornais e grupos que, conseqüentemente, propunham visões do mundo tão diversas que, muitas vezes, não se enquadravam nos preceitos eclesiásticos ou projetavam um futuro no qual a igreja não possuía o valor que ela gostaria que lhe fosse atribuída.

2.2 - Progresso, modernidade e *O Beija-Flor*

A modernidade, o eterno devir que implica no progresso e, por conseguinte, no ideal de futuro é o fruto inspirador de *O beija-flor*. E ao mesmo tempo em que é “proibido” em seus contos, é referência necessária para sua própria existência. É deste paradoxo, fruto da modernidade, das grandes transformações e do ideal científico que surgem os diversos grupos,

⁴⁴ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. 2.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 36.

todos buscando atrair para sua concepção de progresso, o indivíduo que ainda está sendo tragado pela modernidade, àquele que ainda não se viu preso a um coletivo neste mundo fluído e, em pouco, ultrapassado.

Os contos de *O beija-flor* não enfatizam as novidades técnicas em si, suas qualidades ou defeitos, o foco é a ação humana. Desse modo, é o gene das ações humanas que é combatido, pois é aí que uma coisa pode conduzir à outra. Assim, a preocupação da revista é, também, o que pode vir a ocorrer e não somente o que está ocorrendo.

O progresso para a revista não é o mesmo que a sociedade secular vê, pois a fluidez secular não cabe no tradicionalismo eclesiástico e, este, não cabe nas transformações do progresso. Para enquadrar o progresso analisado na revista, cabe aqui utilizar do conceito niilista desenvolvido por Nietzsche. Isto por que, como será discorrido, a revista, ao considerar o progresso vinculado por outras esferas sociais, acaba por reagir contra o possível vir- a -ser do futuro.

O mundo presente de *O Beija-Flor* é desprovido da importância da razão espiritual, o mundo social que ela vive busca a ciência e não a reza, para solucionar os problemas relativos à condição humana. Ela própria, neste período, é a ausência de permanecer a mesma. *O beija-flor* é a tentativa de moldar o homem enquanto criança e alertar os pais enquanto pertencentes ao mundo moderno.

O progresso mostrava-se, inversamente aos preceitos religiosos, pois o homem colocou Deus em segundo plano. A lógica, agora, era a verdade, e esta, provida de mecanismos que os próprios homens de ciência criaram. Não apenas o telégrafo ou as viagens fora do solo, como simbolicamente foram dispostos nos contos estudados. Mas a própria condição humana.

O paraíso eclesiástico, talvez nos finais do século XIX, quando foi criada a “Boa imprensa”, não possuía o estatuto de verdade que esperaria a Igreja. Assim, coube a eles se articularem para combater os instrumentos que mudavam o dono da verdade. Estes instrumentos: a medicina moderna, a antropologia racial, o darwinismo, a pedagogia alicerçavam os mecanismos de controle da verdade e o retiravam da igreja.

Como visto, o meio de divulgação das informações baseavam-se no impresso, seja qual for o modelo. Isto posto, a “Boa imprensa” é oposta a imprensa que divulga as verdades das outras instituições, as “verdades” científicas. O progresso de *O Beija-Flor* é resultado da modernidade. É fruto dela, pois nasce da necessidade moderna de vender. Ela é a tentativa de trazer novos indivíduos ao seu seio. Ironicamente, esta atitude é um dos frutos de progresso de outras revistas modernas.

O vir-a-ser moderno, que é visto por determinados grupos como possibilidade de estruturação do ser humano, da sociedade e de sua condição enquanto ser social. Para a instituição eclesiástica, é visto como uma ferramenta para a desorganização do homem, enquanto consciente de sua mortalidade perante uma força transcendental. Ou seja, o progresso que a Igreja vê é o alheio e, por isso, busca combatê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se confluir e assim caracterizar o progresso veiculado pela revista *O Beija-Flor*, relacionando-o com outras percepções de progresso do período, mas sempre mantendo a revista como eixo principal das relações. Evidentemente – como dito na introdução – efetuou-se, também, as relações paralelas da revista com o discurso científico, pedagógico e político.

O que se tentou evocar, portanto, foi uma experiência de modernidade especificamente disposta na revista *O Beija-Flor*. Para tal, foi realizada relações com a concepção de escolanovismo e de “verdade” científica. Tais diagnósticos mostraram-se pertinentes à medida que garantiram a análise dialógica com a revista.

Seguindo os pressupostos, resumidamente, acima mencionados, procurou-se examinar o progresso proveniente da revista com relação ao seu contexto de produção, assim como, também, originário de suas próprias concepções espirituais. A relação entre espiritualidade e mundo social foi vista e analisada por meio dos contos, enquadrando-os enquanto estrutura narrativa, trama e contexto.

Esse caminho nos permitiu interpretar o progresso como proveniente dos dados tecnológico e secular, bem como de seus desdobramentos no meio social. A noção religiosa de progresso, no que diz respeito à revista estudada, parece perceber o progresso como o mundo secular o vê; por isso, a necessidade de combatê-lo.

Em nenhum momento, a revista, propõe um futuro distinto ao veiculado pela denominada “má imprensa”. No entanto, procura frear o progresso originário da concepção secular. Desse modo, podemos supor que o progresso religioso e o secular possuam denominadores comuns, que são atingidos de maneira distinta.

Neste sentido, a pesquisa nos conduziu ao paradoxo que – não esperado quando se iniciou o trabalho – o progresso religioso não propôs um destino idealizado próprio, mas enxergava que o destino esperado pela concepção não religiosa levaria a sociedade para um caminho que iria acabar por destruí-la.

Ainda, no que concerne à pesquisa, o disparate recai no próprio prognóstico; pois, esperava-se que houvesse uma constituição nítida de progresso proposto pela revista. No entanto, ela não procura impor seu prognóstico de maneira idealizada nas suas concepções, mas pretendia alertar o presente para o caminho que ele mesmo pretende impor.

A consideração supra não nega a noção de progresso proveniente da revista, mas denota sua familiaridade e dependência da concepção laica. E, também, o quanto é interpretado de maneira distinta no mesmo espaço e tempo. Apesar de considerar que, tanto a concepção laica quanto a religiosa, possuem denominadores comuns, isto não exclui que a Igreja possuísse uma idealização própria do progresso, mesmo que esta idealização não fosse a ideal.

Ao diagnosticar seu mundo social e as mudanças que nele ocorria, a Igreja ao invés de idealizar um futuro, combatia o presente que, segundo sua visão, não resultaria em uma sociedade [futura] moral. Foi possível notar que mesmo a igreja não idealizando nitidamente um futuro retratado em seus moldes, como foram alguns prognósticos laicos, ela possuía uma visão de futuro que garantia uma ação contra o presente. Contra, portanto, o que tornará o futuro o que poderá ser.

REFERÊNCIAS

- ARRIADA, Eduardo. Em busca da Infância perdida: rastros, relatos, recordações. In: Vestígios do passado: a história e suas fontes. IX Encontro Estadual de História, Seção Rio Grande Do Sul- ANPUH- RS.
- BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil -1800-1900.RJ : Mauad X ,2010.
- BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil -1900-2000.RJ : Mauad X ,2007.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade. Sp: Editora Schwarcz, 2008.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet. 2.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006
- CAES, André Luiz. As portas do inferno não prevalecerão: A espiritualidade católica como estratégia política (1872 – 1916). Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002.
- CAMARA, Sônia & Cockell, Marcela. O intelectual Manoel Bomfim e a interpretação do Brasil e da América Latina. In: Revista HISTEDBR on-line, Campinas, n °44, p. 293 -307, dez 2011.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DARTON, Robert. O beijo de Lamourette. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- DEACETO, Marisa Midori. **O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011.
- DIMAS, Antônio. Análise da revista Kosmos: 1904-1909. Ensaio. SP: Editora Ática, 1983.
- EL FAR, Alessandra. “livreiros dos oitocentos”. In: **Páginas de sensação: literatura popular e pornografia no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- FOUCAULT, Michael. A arqueologia do saber. 8º edição. RJ: Editora Forense universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michael. A ordem do discurso. 21º edição. SP: Editora Loyola, 2011.
- GINZBURG, Carlos. O fio e os Rastros. São Paulo. Cia das letras, 2007.
- GOMES, Edgar da Silva. A Estadualização da Hierarquia Eclesiástica no Brasil: Política e poder na relação Estado igreja na República Velha (1889 -1930). In: Projeto História, São Paulo, n.37, p. 295-303, dez. 2008.
- LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina. História da imprensa no Brasil. SP: Editora Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina. Imprensa e Cidade. SP: Editora UNESP, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revistas. SP: Edusp, 2008.

MENNA, Ligia Regina Máximo Cavalari. A importância dos jornais e revistas para a formação dos leitores, gênese e florescimento da literatura infantil. In: Congresso internacional da ABRALIC. 18 a 22 de julho de 2011. UFPR, Curitiba.

NAGLE, Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República. São Paulo: EPU, 1976.

NOVAIS, Fernando (coord.)-História da vida privada no Brasil. República da Belle Époque: A era do rádio (v.3). São Paulo: Cia das letras, 1998.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. In: Revista brasileira de educação v.15. N° 45. Set/Dez, 2010.